

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Comunicação Social – Jornalismo

NAYARA CIDARIA DE LIRA FRANÇA

**TATUAGEM: IDENTIDADE, IMAGEM E PRECONCEITO
NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

CURITIBA
2016

NAYARA CIDARIA DE LIRA FRANÇA

**TATUAGEM: IDENTIDADE, IMAGEM E PRECONCEITO
NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo ao Centro Universitário Internacional UNINTER.

Orientadora: Profa. Ma. Sionelly Leite

CURITIBA

2016

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, que são tudo na minha vida e que de todas as formas sempre me apoiaram, deram suporte, incentivaram e principalmente acreditaram nos meus sonhos. Agradeço a todos os meus amigos que de todos os jeitos me incentivaram a fazer esse trabalho, me ouvindo nos momentos de desespero e dizendo palavras de incentivo, em especial a Camila Kokott, a Marilyn Ribas e ao Thiago Soares, por todas as ajudas em contatos, livros e dicas para que esse trabalho pudesse ser feito.

Quero agradecer a todos os professores, que ao longo do curso foram me ajudando a construir uma bagagem de conhecimentos, em especial a professora Regina Reinert, que teve muita paciência nas aulas, ao me recomendar livros e leituras, por ser uma professora que inspira não só a mim mas a muitos alunos a serem bons profissionais e melhores pessoas.

“A tatuagem é um desenho que brota do intricado universo da mente e encontra no corpo humano seu suporte ideal” Inácio da Gloria

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a produção de um fotolivro, “Tatuagem e preconceito”, trazendo o ensaio com pessoas tatuadas vestidas formalmente e informalmente, com o intuito de mostrar sob uma nova óptica a tatuagem, quebrar um pouco do preconceito que ainda existe em relação às pessoas tatuadas, seja no mercado de trabalho ou no dia a dia. As fotos foram editadas de forma que se faça uma associação do formal e do informal e das expressões dos mesmos em cada uma das formas. Para este trabalho também foram pesquisados os temas preconceito, identidade e imagem embasando-se nos autores Antônio Celso Collaro (2000), Kênia Kemp (2011), Davi Le Breton (2004), Lucia Santaella (2004).

Palavras-Chave: *Tattoo*; tatuagem; preconceito; ensaio fotográfico; fotografia.

ABSTRACT

This work aims at producing a photobook, "Tattoo and Prejudice", bringing the test with tattooed people dressed formally and informally in order to show in a new light the tattoo, breaking some of the prejudice that still exists in relation to tattooed people, whether in the labor market or on a daily basis. The pictures was editing so that make a combination of formal and informal expressions of the same in each of the forms. For this work we were also surveyed the issues, identity and image-basing by the authors Antônio Celso Collaro (2000), Kênia Kemp (2011), Davi Le Breton (2004), Lucia Santaella (2004).

Keywords: *Tattoo*; Tattoo; prejudice; photoshoot; photography.

GLOSSÁRIO

Aquarela: Um dos estilos da moda, as tatuagens em aquarela emulam pinturas feitas com tinta diluída em água.

Alto relevo: É muito utilizada entre os índios e os aborígenes australianos. Em sua confecção, a pele é dissecada para formar desenhos com diversas cores.

Belfaro ou **Pigmentação:** Trata-se da maquiagem definitiva, como uso de delineador e batom, por exemplo.

Biomecânico: São desenhos que simulam partes do corpo feitas da junção de peças de metal integradas à anatomia humana.

Bold line: Desenhos das histórias em quadrinhos, usualmente com traços bem largos e cores chamativas.

Branding: É feita a partir da cicatrização de feridas produzidas a base de ferro e fogo.

Celta: Pretos ou coloridos são figuras de origem celtas, como o próprio nome indica de origem celta, com motivos entrelaçados.

Eyeball tattoo: Também conhecida como *scleral tattooing*, é um método utilizado para tatuar a esclera do olho humano. Para a Sociedade Brasileira de Oftalmologia, procedimento é perigoso e pode causar uveíte. Já não se sabe mais quantos procedimentos deste tipo foram feitos no Brasil. Popularmente, um tipo de tatuagem feita na parte branca do olho.

Fotorrealismo: Esse estilo geralmente retrata rostos com resultados bastante próximos da realidade, mas também é um dos mais arriscados - porque se o tatuador não for realmente bom, você corre o risco de acabar com uma fisionomia monstruosa desenhada na pele. É uma arte que tenta aproximar o desenho de uma foto.

Geométrico: Esse tipo de tatuagem tem de círculos e formas geométricas complexas, é formada a partir de desenhos formados por formas geométricas.

Maori: É um dos estilos de tatuagem tribais, por serem populares entre uma tribo neozelandesa de mesmo nome.

New School: As tatuagens *New School* são uma releitura do estilo *old school*. Geralmente trazem elementos parecidos, mas podem explorar outros temas, possuem mais cores, os traços assim como nas tradicionais são mais grossos e tem características mais próximas a de *cartoons* e de arte de rua, adquirindo contornos mais urbanos e dialogando assim com o graffiti, por exemplo.

Old School ou **Tradicionais:** São as tatuagens com desenhos bem simples, como a dos marinheiros, os grandes divulgadores da tatuagem pelo mundo; possuem

poucas cores. Entre os desenhos mais tradicionais com traços mais grossos e mais conhecidos estão temas referentes ao mar como a âncora, gaivotas e barcos; podem ser também punhais, corações e pinups.

Oriental/Sumi: Utilizam uma técnica oriental que utiliza o bambu ao invés de agulha. Os desenhos são extremamente detalhados, Os desenhos são coloridos e retratam elementos da cultura oriental: peixes, gueixas, guerreiros da antiguidade, o mar, tigres, dragões e flores.

Outros: Alguns artistas estão inovando e misturando estilos ou simplesmente criando coisas novas que ninguém tinha feito antes.

Pontilhismo São imagens construídas com pontos, geralmente em preto e branco.

Psicodélicas: Desenhos super coloridos e que remetem a um mundo onírico.

Religiosas: Desenhos de personagens bíblicos, santos, cruzes, entre outras representações de credos diversos.

Tons de cinza (*Graywash*): São tatuagens que parecem que receberam aquele filtro preto-e-branco do *Instagram*, feitas inteiras em tons de cinza. Muito populares nos anos 90.

Tribal: Uma das mais conhecidas. Nos anos 90. Geralmente desenhos em preto e com motivos que remetem as tribos indígenas da Oceania ou das tribos norte-americanas, haidas, maias, incas, astecas, podendo ser geométricas ou ainda abstratas.

Tribal Oriental: Geralmente os desenhos são feitos no corpo inteiro, como um painel são de temas de origem oriental, como samurais, gueixas e dragões.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA	122
3 IDENTIDADE	14
3.1 O Indivíduo e a Individualidade	155
3.2 Eu e o Corpo	16
4 TATUAGEM	17
4.1 A História da Tatuagem	200
4.1.1 O Perfil do Tatuado: A Quebra dos Estereótipos	23
4.2 A Tatuagem na Prisão	24
5 PRECONCEITO	27
5.1 Casos de Preconceito	27
5.2 Projetos de Lei	28
5.3 Tatuagens nos Meios de Comunicação	30
5.3.1 Modelos	31
5.3.1.1 Zombie Boy	31
5.3.1.2 Suicide Girls e Frrrk Guys	32
6 FOTOENSAIO: FOTOGRAFIA E TATUAGEM	33
6.1 Fotojornalismo	35
6.2 Gêneros Fotojornalísticos	36
7 PROPOSTA DE PRODUTO	37
7.1 Público Alvo	38
7.2 Projeto Gráfico e Fotográfico	39
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERENCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

Vários são os contextos em que se insere a tatuagem. A história tem registrado, desde os seus primórdios, que desenhos sobre a pele constituem importantes eventos, todos carregados dos mais variados significados. Povos antigos já utilizavam a pintura definitiva em seus ritos de passagem para reverenciar determinados elementos da natureza ou na construção da identidade coletiva.

O que se pretende mostrar nesta pesquisa, dentre outras coisas, é que a escalada da tatuagem – identidade do grupo, marca de posse individual dos corpos ou de estigma – também traz à luz as condições históricas que possibilitaram o surgimento do indivíduo e de como a tatuagem contribuiu para esse processo de individuação na sociedade moderna a partir das práticas sociais.

O produto, um fotolivro, vem para unir o jornalismo e a fotografia, a forma de usar a fotografia como forma de observação, de retratar a sociedade e de informar. O jornalismo nasce libertador e humano, ele se reflete nos valores morais em que se baseiam os laços humanos, cedendo as vezes ao conservadorismo e curvando-se a interesses.

A fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual. Pode ser usada em vários suportes, desde os jornais e revistas, às exposições e aos boletins de empresa. O domínio das linguagens, técnicas e equipamentos fotojornalísticos é, assim, uma mais-valia para qualquer profissional da comunicação. (Sousa, 2002)

A tatuagem como um dos processos de modificação corporal mais comum pode ser vista, atualmente, de forma mais disseminada entre diferentes estratos sócio/econômicos/culturais. Quem introduz na pele o faz com objetivos que podem ser simplesmente estéticos, como forma de expressão ou mesmo um sentimento de pertencimento social.

Segundo Gilberto Velho (1981), foi apenas na segunda metade do século que a tatuagem incorporou-se definitivamente nas sociedades ocidentais passando especificamente nos anos de 1960, a representar ousadia, contestação política e busca de identidade. A partir desse contexto até os dias atuais a tatuagem vem se disseminando de forma que homens e mulheres de qualquer idade ou classe social também tatuam seus corpos, numa clara indicação de que a tatuagem deixou de ser

um item exclusivo de uma cultura jovem para tornar-se uma via de manifestação da subjetividade de modo mais amplo, buscada, assim, como marca de individualidade.

Kemp (2011) concorda com Velho (1981) quando diz que o corpo carrega o reflexo da ideologia, dos ideais e dos anseios de cada indivíduo, a partir dos adornos que ele carrega em si, como uma forma de construção de uma identidade corporal.

(...) a identidade dos sujeitos se constitui inicialmente de condições históricas e culturais que lhes são dadas, condições que não escolhem, pois ao nascer se deparam com um grupo familiar e social em pleno funcionamento, com sua língua, regras, hábitos e tradições. Entretanto, a partir de um certo momento de nossa trajetória pessoal de vida, é possível negociar com essas limitações anteriores, pois a cultura é pautada pelo movimento. (KEMP, 2011).

Seguindo a mesma linha, Velho (1981) afirma que é na sociedade moderno-contemporânea o lugar, por excelência, da heterogeneidade e variedade de experiências e costumes.

A busca pelas individualidades nas culturas modernas é uma importante chave para entender o funcionamento do mundo contemporâneo, e por esse motivo, cada vez mais o jornalismo contemporâneo deve tomar, como uma de suas principais pautas, essa perspectiva, como forma de retratar mais adequadamente a complexidade social, pois, como ressalta Velho (1981), a sociedade atual é caracterizada pela diversidade, precisando, o jornalismo, refleti-la.

Ficou para trás a tatuagem associada a grupos marginalizados, que transformavam o ato de se tatuar numa forma de resistência, uma forma de controle próprio do seu corpo ou como uma representação de algo selvagem e marginal. De fato, nessa época a tatuagem era a condição quase que exclusiva com que esses grupos vivenciavam situações e a forma como incorporavam cada um desses momentos na pele.

Hoje, a luta é por liberdade e pelo direito de ser diferente. Luta pela autonomia sobre o próprio corpo. O corpo que pertence ao indivíduo e que se recusa a ideia de corpo como propriedade do Estado. A sociedade contemporânea estabelece-se como o lugar da diversidade, da construção da subjetividade. Diz-se luta porque ainda são inúmeros os tipos de preconceitos contra pessoas tatuadas e esse preconceito se manifesta de forma mais acentuada em certos locais de trabalho; assim, para que não sofram restrições, pessoas acabam optando por tatuar lugares do corpo onde o desenho possa ficar escondido.

O poder público contribui com os preconceitos ao interditar o corpo de determinados agentes públicos à tatuagem, por exemplo. No imaginário de certos empregadores do setor privado também não se dissociou, efetivamente, o uso da tatuagem da do comportamento marginal, pois nessas representações, ambas, tatuagem e marginalidade são a mesma coisa.

Há, nesse contexto, inúmeras matérias de direito tentando desconstruir essa visão conservadora, dissociando, com vasta argumentação jurídica, a pessoa do tatuado da pessoa do profissional. Para Pires (2005), “o rompimento da fronteira com a pele com a finalidade de modificar os contornos e acrescentar elementos a silhueta, possibilita a criação de novas dimensões estéticas”, e isso não comprometeria as outras esferas de atuações do indivíduo.

Mas, a despeito dos setores conservadores da sociedade, a tatuagem vem se estabelecendo como uma forma de demonstrar o que cada indivíduo pensa, quais são os seus anseios e seus desejos, deixando, como vimos acima, de ser associada à marginalidade. Os avanços, nesse sentido, demonstram ser cada vez mais frequentes e comuns pessoas tatuadas em vários cargos e ocupações de trabalho.

A tatuagem sinaliza mudanças de comportamento na medida em que acaba por criar novos contextos sociais. Assim, a tatuagem vem ganhando novos significados e descola-se da imagem negativa de estigma e passa a ser observada com interesse artístico, como um adereço pessoal e principalmente como uma forma de expressão livre de cada indivíduo.

A expressão dos anseios particulares em uma tatuagem se constitui de algo muito singular, servindo como um processo de transformação do indivíduo a partir do processo de subjetividade e individualização.

O corpo deixa de ser visto somente no aspecto pele; sua superfície passa a ocupar um lugar que seria de auto-identidade, a busca de autenticidade junto com o de pertencimento social, “a marca corporal representa a procura de autenticidade, de uma localização real de nossa essência na sociedade da aparência”. (ORTEGA, 2004).

Segundo Barros (2006), podemos dividir as pessoas adeptas da tatuagem em grupos: as que compartilham as mesmas ideias e ideais e as que se tatuam por moda, por gostarem do estilo etc. O primeiro grupo é composto de pessoas que possuem boa parte do corpo coberto com tatuagens e o segundo grupo as utiliza

como um requisito para fazer parte de determinados grupos que fazem parte do contexto urbano atual.

Alguns autores selecionados para esse trabalho têm o corpo como ponto de partida para seus estudos. Outros autores são da área do jornalismo social cuja contribuição é a de refletir o indivíduo na sociedade contemporânea, cruzando a produção jornalística com as perspectivas de estudo da antropossociológica. São utilizadas, também, algumas jurisprudências de tribunais liberando a tatuagem para militares que, na perspectiva sociológica também contribuem para este trabalho. A pesquisa bibliográfica teve como objetivo reunir autores que pudessem contribuir na compreensão de que o corpo pode se constituir como palco de expressão de cada indivíduo.

O jornalismo social, como já frisado, é aquele que reflete a condição humana, as mudanças sociais e tudo o que tange a dignidade humana. Além das pesquisas em livros e reportagens sobre o tema, foram feitas pesquisas de campo por meio de entrevistas com profissionais e adeptos da prática de tatuagem.

O fotolivro, produto final deste trabalho, tem como objetivo estabelecer uma reflexão na sociedade em relação à identidade pessoal de cada indivíduo e ao preconceito com as pessoas tatuadas. A produção, portanto, do fotolivro disponibilizará o meio visual com o objetivo de mostrar o lado artístico e a beleza por trás das mais variadas formas e desenhos que a tatuagem pode ter.

2 METODOLOGIA

Com relação à metodologia, o presente trabalho se utiliza da pesquisa qualitativa, pois trabalha com ideias e elementos culturais subjetivos; e a pesquisa bibliográfica, que dará o suporte necessário para a fundamentação teórica com abordagem histórica, antropológica e sociológica. A respeito da pesquisa bibliográfica os metodólogos afirmam que "os livros ou textos selecionados servem para leituras ou consultas; podem ajudar nos estudos em face dos conhecimentos técnicos e atualizados que contêm, ou oferecer subsídios para a elaboração de trabalhos científicos" (MARCONI, LAKATOS 2003)

Inicialmente foi realizada leitura de alguns livros, de onde foi retirada toda a base teórica para a construção do trabalho, que está organizado seguindo o

sumário, analisando o corpo, a cultura e a sociedade nos dias atuais. Com isso se tem os conceitos necessários para a construção do texto, a vai partir da fundamentação teórica inicial, ao longo da pesquisa bibliográfica, do fichamento dos livros usados na pesquisa, para que possa compreender o tema proposto do trabalho, pessoas que já estudaram sobre o assunto assim como a maior forma de aplicação do que se foi pesquisado na construção final do texto.

Para a elaboração da pesquisa, optou-se, primeiramente pela leitura que possibilitasse a retomada histórica do assunto em questão, isto é, as concepções construídas relacionando o corpo e a arte. Nesse sentido, o corpo na contemporaneidade partirá dessa ideia do corpo como meio de arte, meio de expressão pessoal, a fim de que possamos compreender a trajetória da tatuagem nos seus diferentes períodos, desde a sua concepção inicial até as atuais, assim como o valor que se atribui à tatuagem.

A tatuagem vem ganhando espaço e despertando interesse de uma maioria, sejam pessoas interessadas na arte em si, ou interessadas em se especializar para se tornar o artista por trás da tatuagem. Aliás, este é um campo que cresce cada dia mais, tanto na elaboração de leis que protegem o consumidor quanto na regulamentação da profissão, bem como a fiscalização sanitária.

Nas sociedades modernas, a tradição cultural do grupo perde a centralidade como referência identitária para as pessoas. Os indivíduos sentem-se livres e capacitados a formular escolhas subjetivas. Em decorrência dessas orientações subjetivas, o reconhecimento do "lugar" social de cada um pode ser resultado da combinação de vários elementos identitários como gênero, profissão, lazer, consumo, crenças, orientação política e partidária e assim por diante. O agrupamento é uma forma de afirmação de diferenças, ideia que nos remete novamente ao conceito de identidade contrastiva. (KEMP, 2011)

Na pesquisa de campo, o interesse deste trabalho está na investigação das concepções que se têm sobre tatuagem, tanto das pessoas que se tatuam quanto da forma que a sociedade, como o mercado de trabalho e os meios de comunicação veem a tatuagem, a proposta desse trabalho é realizar entrevistas com pessoas que possuem uma quantidade significativa de tatuagens no corpo, assim como os profissionais que vivem dessa forma de arte, quais foram as motivações de cada uma dessas pessoas para se tatuarem ou para trabalharem nesse ramo, por que escolheram determinado desenho, bem como o tamanho e o local do corpo, as

expectativas a respeito de cada tatuagem e qual a relação de cada um dos envolvidos com o universo da tatuagem.

Para efeito de complemento foi realizada pesquisa em relação às regulamentações que são necessárias para que se possa ter um estúdio de tatuagem, os projetos de lei que regulamentam a profissão assim como a lei que regulamenta alguns tipos de tatuagem como a *eyeballtattoo* (tatuagem feita na esclera do olho humano) e a idade permitida para que se possa começar a tatuar, no caso, a partir de 18 anos.

3 IDENTIDADE

Os frequentes processos de alteração corporal como a tatuagem, mostram como o corpo se torna identidade, uma forma de consumo e, principalmente, como uma maneira a interferir nas decisões dos indivíduos.

A questão da identidade está sendo intensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno (...) é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2006, p. 7)

Ao se falar em identidade cultural, podemos nos referir ao sentimento de pertencimento a alguma forma de cultural, a cultura na qual nascemos e a que vamos absorvendo conforme entramos em contato com outras pessoas e novas culturas ao longo da vida, sendo uma identidade que não é natural e sim que vai sendo construída conforme o passar do tempo. “Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais”. (HALL, 2006, p.9).

Nosso imaginário transmite por meio da cultura, a formação da identidade individual, que é o que diferencia cada um e caracteriza um grupo social. Hall (2006) define que a cultura nacional é um discurso, “um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações, quando as concepções que temos de nós mesmos”.

Penetrar no universo da tatuagem é mais do que conhecer as curiosidades de sua história. As diferenças que caracterizam ao longo dos séculos e de

acordo com cada cultura expressam o quanto o ato de tatuar se insere nas malhas da historicidade e, ao mesmo tempo, no fluxo do devir. Talvez porque seja o destino do próprio corpo fazer parte de mundos aparentemente opostos, tais como aqueles da natureza e da história, a tatuagem inscrita na pele parece tornar evidente a costura, por vezes mal feita, entre a densidade da cultura com sua arte e sua lei, e as memórias da fisiologia humana, guardadas no interior da pele. (RAMOS, 2001)

O sujeito na sociedade moderna, segundo Soares (2011), busca uma individualização, como uma busca do indivíduo em completar seu corpo, por alguma forma de modificação, a existência de uma necessidade, de uma busca de individualismo, cada qual a sua maneira.

3.1 O INDIVÍDUO E A INDIVIDUALIDADE

A individualidade está como um dos processos da construção da identidade do indivíduo e é entendida como o que se refere à singularidade, a características naturais que constituem todo o indivíduo e que servem de base para o desenvolvimento da singularidade e da personalidade.

Já a personalidade se refere à complexificação da individualidade de forma superior, cuja base é a individualidade, sendo a gênese e o desenvolvimento histórico-sociais “o tecido” que possibilita seu desenvolvimento (além da atividade e da consciência, que são as outras categorias centrais, junto com a personalidade, para a compreensão do psiquismo) (...)o desenvolvimento de uma individualidade para si, que lhe permite conhecer as multideterminações de si e da realidade. (SILVA, 2009)

Existe uma explicação do individual e do individualismo, do sujeito individual e seus significados; o sujeito indivisível como uma entidade singular e única. “A identidade pós-moderna é constituída teatralmente pela representação de papéis e pela construção de imagens, ela gira em torno do lazer e está focada na aparência e na imagem” (KELLNER, 2001)

Hall (2006) faz o uso dos estudos de Descartes, da filosofia do sujeito moderno e seu nascimento na dúvida, dividindo a concepção do indivíduo em três: a do sujeito do iluminismo, baseado na concepção do sujeito como indivíduo; a do sujeito sociológico que reflete a complexidade do mundo moderno; e do sujeito pós-moderno que não possui uma identidade fixa.

A identidade então costura (...) o sujeito à estrutura (...) o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando

fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. (Hall, 2006)

A identidade desse indivíduo se torna uma celebração móvel que se forma e se reforma continuamente, por intermédio dos sistemas culturais que nos rodeiam. Para Hall essas identidades não se unificam ao redor de um “eu”, “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções”. (Hall, 2006).

Para Kellner (2001), a identidade se assemelha cada vez mais a imagem, ao pessoal, ao estilo e as particularidades de cada indivíduo, “É como se cada um tivesse de ter um jeito, um estilo e uma imagem particulares para ter identidade (...) portanto, na sociedade de consumo atual, a criação da individualidade. (KELLNER, 2001).

3.2 Eu e o Corpo

O corpo é o elo que cada pessoa faz com o social e o individual, com o fisiológico e o simbólico, sobre como se interpretam os fenômenos sociais, a forma como percebemos e constituímos socialmente uma identidade própria. “Muito do que percebemos e experienciamos é construído socialmente: nossa identidade (...) o que constitui o prazer e a dor, onde estão as fronteiras do eu.” (SANTAELLA, 2003). Para Le Breton (2004), ao se modificar o corpo, se modificam os seus fundamentos de forma a completar ou tornar real a ideia que se faz do mesmo.

De certo modo, o corpo nos parece real e bem fundado. Cada um de nós é um corpo e fenomenologicamente experimentamos seus estados todos os dias, por exemplo, na dor, no prazer, na fome, na excitação sexual, na fadiga e na doença. Olhamos para nós mesmos no espelho e para os outros e vemos entidades com fronteiras definidas a que chamamos de corpos. (SANTAELLA, 2004)

A ideia que se possui do “eu”, segundo Santaella (2004), é produto da construção do imaginário, dando espaço para discussões sociológicas e oferecendo interpretações dos fenômenos sociais.

(...) a imagem do eu sempre foi o produto de uma construção imaginária. É essa construção que nos ilude quanto à existência de uma forma coerente e unificada do humano, quando, na verdade, a ontologia humana é necessariamente a ontologia de uma criatura despedaçada no seu próprio núcleo. (SANTAELLA, 2004)

A ligação do corpo com a tatuagem vai além da estética, atua como um processo comunicativo do eu com o mundo, sendo muito mais que a colocação de simples adorno corporal, a tatuagem faz parte do eu e do corpo, cria uma identidade para o indivíduo e em alguns casos ainda seus significados tem uma profunda ligação com o sagrado.

Esse procedimento de interferir no corpo humano introduzindo pigmentos coloridos na pele, que hoje desperta a atenção até mesmo das autoridades sanitárias brasileiras, não é, evidentemente, um privilégio ou invenção de nossa cultura ocidental e nem sempre esteve a serviço do embelezamento estético, se é que hoje assim o podemos considerar. (RAMOS, 2001)

O corpo reflete as vontades e os desejos humanos, “o corpo metaforiza o social e o social metaforiza o corpo” (LE BRETON, 2007) a sua relação com o mundo, representa ao mesmo tempo um local de felicidade, de identificação do social, Santaella (2004) traz o corpo como parte de uma cultura de desejos humanos

O corpo deixa de ser apenas o invólucro de pele, carne, sangue e ossos, passa a ser visto como o corpo real, que sofre, envelhece, sente dor e morre, o corpo é imaginário e simbólico, o corpo vira produto e uma verdadeira obsessão.

(...) ao criarem a ilusão de que é possível transcender o corpo carnal através das descorporificações da simulação, tais processos e simbioses colocam em crise as crenças em uma relativa estabilidade dos limites corporais, pondo em questão as tradicionais estratégias identificatórias constitutivas da subjetividade. (SANTAELLA, 2004)

O corpo torna-se problemático e, no século XXI o centro de questionamentos de novas antropomorfias, sobre o que é ser humano, segundo Santaella, o corpo cibernético, “o corpo humano como fruto de sua crescente ramificação (...) até o limiar das perturbadoras previsões de sua simulação na vida artificial.” (SANTAELLA, 2004) o corpo é reimaginação além dos músculos como mecanismos semelhantes a montagens de relógios e motores.

3.3 Modificações Corporais

Cada sociedade tem sua forma de relacionar o corpo com sua forma de pensar as modificações corporais. Para Soares (2011), são pesquisas que apontam uma corrida ao progresso e são como parte da vaidade e do tempo.

Quando se usa o termo modificação corporal ainda existe uma associação a piercings e tatuagens, as *body modifications*, que ainda são vistas e associadas à marginalidade, mas que tem um crescente número de adeptos. Mas temos também as modificações no corpo que são aceitas de forma social, como cirurgias estéticas de colocação de implantes de silicone, rinoplastia e outras.

Assim, não só as tatuagens, mas toda uma série de técnicas de gerenciamento do corpo, novas ou recuperadas de tempos anteriores, floresceu a partir do começo do século e intensificou-se nos movimentos da *body art* e da contracultura dos anos 60. Há desde então uma obsessão dos invólucros corporais, pois na ausência de território reconhecido o corpo é um território. (RAMOS, 2001).

Não é algo que pertence somente aos tempos atuais, as modificações feitas no corpo estão presentes como forma de expressão do homem desde os tempos mais remotos.

A remodelação do corpo, a manipulação de forma estética por meio de aprimoramentos de origem física, como *body building*, assim como cirurgias estéticas e transplantes de órgãos, Santaella (2003) vê o corpo que passa por todas essas modificações como uma espécie de mercadoria. “Na medida que o corpo é crescentemente construído como uma mercadoria a ser manipulada, desenhada e empacotada”. São alterações que visam a um funcionamento especializado no corpo, “uma prótese é uma parte, um suplemento do corpo humano que não é complexamente integrada, nem autônoma” (SANTAELLA, 2004), as próteses ficam entre algo que se assemelha ao natural e o artificial.

4 TATUAGEM

A palavra tatuagem tem sua origem na civilização Maori, onde surgiram alguns tipos de desenhos e que tiveram continuidade até os dias atuais. A pesquisa por dados do passado auxilia no entendimento dos processos de significação, na maneira como essas tribos buscavam diferenciar-se e a função social que os desenhos indicavam, marcando cada etapa da vida, cada rito de passagem, desde o nascimento até a morte.

Entender de onde deriva a palavra tatuagem é buscar compreender a importância das tatuagens (...) para a formação do que entendemos hoje no ocidente como tatuagem ao se falar de tatuagem e suas origens os nomes mais referidos são o dos povos maoris e do renomado capitão inglês James Cook, que figuram como expoentes dessa tradição no ocidente. (NETTO, 2011)

Pode-se perceber, então, que, com relação à tatuagem, nada mudou; ainda as usamos para designar nossa visão de mundo, nossos desejos e vontades expressos na necessidade de se deixar a marca de algo importante para sempre no corpo. “Considero a tatuagem a marca registrada no corpo intencionalmente, a partir dos métodos de furar a pele para inserir pigmentos e formar arabescos, imagens ou números.” (RAMOS, 2001).

A tatuagem é um procedimento invasivo que consiste na pigmentação permanente da derme por meio de agulhas com tintas atóxicas fabricadas para esta finalidade, aplicada na camada subcutânea.

Desde a sua criação até o desenvolvimento e aperfeiçoamento das técnicas usadas para incisão dos pigmentos de forma permanente na pele, a tatuagem teve suas evoluções e seus processos de adaptação, profissionais que utilizam nos dias atuais pigmentos como de canetas para se tatuar ou realizam os procedimentos em locais que não possuem atestado de saúde, não tem materiais adequados nem condições sanitárias suficientes para que se possam realizar esses procedimentos.

(...) a tatuagem tornou-se rapidamente um dos lugares comuns para evocarem os primitivos no botequim da época. Da mesma maneira que a exibição dos indígenas os tatuados, espécie de “selvagens do interior”, são atrações que fazem correr multidões nos circos ou nas feiras do fim do século XIX e do princípio de século XX. Muito antes de Cook ter popularizado essa designação [tattoo], (BRETON, 2004).

As tatuagens entendidas como primitivas ou tribais não terão um grande destaque nessa pesquisa já que o objetivo é criar um fotolivro com pessoas que possuem tatuagens de expressão moderna, referindo-se a todas as tatuagens que concebemos na atualidade, todas as que pertencem ao espaço urbano, da cidade. A tatuagem, aliás, propagou-se, de forma geral, no contexto urbano.

A primeira convenção de tatuagem do mundo ocorreu no ano de 1976 no Texas, Estados Unidos. Após isso, no ano seguinte, aconteceu no estado de Nevada logo espalhando-se pelo país e pelo resto do mundo; no Brasil a Primeira Convenção Internacional de São Paulo aconteceu nos anos 1990 e reuniu cerca de 50 profissionais, crescendo para 100 no ano seguinte. Não demorou muito e aconteceram encontros em Curitiba e outras capitais que permanecem até hoje, estendendo-se também a cidades do interior, como por exemplo, Barra Bonita (próximo a Bauru) com sua primeira convenção internacional em dezembro de 2013. (DIAS, 2014)

Frequentemente o termo *tattoo* é o mais utilizado para referir-se à arte de se tatuar. Os termos riscar ou fazer uma tatu (sic) também são bastante usuais no

âmbito profissional. As pessoas que trabalham com tatuagem referem-se às mesmas como seus trabalhos, mas consideram todas as formas com que se denominam a tatuagem e não ignoram quaisquer características tidas como importantes.

As máquinas de tatuagem foram inventadas e aperfeiçoadas conforme o passar dos anos, sendo que a versão elétrica de 1981, criada pelo irlandês Samuel O'Reilly, em Nova York, permanece até os dias de hoje. Essa evolução permitiu que os desenhos ganhassem formas mais específicas, mais detalhada, e com cores mais vibrantes.

4.1 A História da Tatuagem

A palavra tatuagem tem sua origem a partir da onomatopeia “tau-tau” (o som teria gerado a palavra “*tattoo*” em inglês, e seus derivados em outras línguas, como *tatouage* em francês, e a em português, tatuagem) que era o som emitido pelos instrumentos, a versão rústica das máquinas usadas para se tatuar, eram ossos, dentes (de animais) e madeiras, montadas de forma que se pudesse perfurar a pele para que o pigmento (uma mistura de pedras e óleos) fosse colocado sobre a pele. Marques (1997) refere-se a essas primeiras técnicas em que repetidos golpes do martelo no topo do ancinho produziam o *tatau* e que “ta”, na raiz nativa da palavra, significa golpear, bater.

Mais tarde, a tatuagem sai desses espaços tribais e ganha outros adeptos, agora ocidentais, e passa a adquirir um viés pejorativo. Breton (2004) diz que as populações que passaram a utilizar a tatuagem são essencialmente marinheiros, soldados, detidos ou prostitutas, isto é, indivíduos à margem em busca de um enraizamento identificativo. Até hoje, quando o assunto é tatuagem, percebe-se, mesmo que superficialmente, uma associação aos marinheiros e aos piratas.

O advento das sociedades modernas rompe com a antiga continuidade entre um povo, um local, uma cultura: ‘Tudo se passa como se, nas sociedades antigas, espaço e tempo estivessem contidos pelo entorno físico’. Pois, agora, o território da cultura nem precisa existir. Parafraseando Lévi-Strauss, “a identidade é uma espécie de lugar virtual, o qual nos é indispensável para nos referirmos e explicarmos certo número de coisas, mas que não possui na verdade uma existência real”. (KEMP, 2011).

É necessário que se compreenda também que a tribo Maori não foi a única influenciadora da tatuagem moderna e nem o único povo que praticava a arte da tatuagem, mas, sim, que fazia parte da cultura de tribos indígenas em várias localidades no mundo.

A tatuagem é uma das formas de se comunicar sem palavras, ou seja, uma comunicação não verbal em que a pessoa tatuada mostra, por meio dos desenhos feitos na sua pele, objetos de desejo pessoal e afetivo.

Santaella (1983), afirma que em todos os tempos, seja no passado ou no presente, os grupos humanos recorreram e recorrem a modos de expressão verbais e não-verbais, que contemplam uma enorme variedade de linguagens constituindo sistemas sociais e históricos da representação do mundo. Uma gama de linguagens ilustrada desde os desenhos nas grutas de Lascaux; os rituais de tribos primitivas; das danças, músicas, jogos e cerimoniais até a codificação alfabética, criada e estabelecida no ocidente a partir dos gregos, ou mesmo os hieróglifos e pictogramas que são formas diferentes da linguagem alfabética articulada que se assemelham mais ao desenho.

Por outro lado, podem se constituir como linguagens as produções de arquitetura, se consideradas como fato de comunicação, mesmo sem delas ser excluída a funcionalidade assim como os objetos relativos às formas de criação da arte: pintura, escultura, poética, etc. Assim, com o passar do tempo, em períodos específicos a tatuagem foi revelando a visão de mundo de cada época. No século XIX, era uma das marcas que distinguia grupos de criminosos, e no período pós-revolução industrial ela amplia ainda mais essas possibilidades de expressão e linguagem por intermédio de invenções de máquinas e técnicas capazes de produzir no corpo verdadeiras obras de arte e que vão se incorporar a outras linguagens como a fotografia, o cinema, os meios de impressões gráficas, entre outras, que permeiam nosso cotidiano e fazem parte desta intrincada gama de linguagens, de formas sociais de comunicação e significação.

Como visto, a tatuagem ganha importância como objeto de estudo, acompanhando a evolução humana desde que esta passou a ter conhecimento e percepção de si. Do paleolítico ao neolítico, até as civilizações antigas, temos registros incontestes. Múmias egípcias de 3.500 anos tinham consigo não só desenhos de representações de momentos históricos como relatos míticos desses acontecimentos. O que diferenciava a tatuagem na antiguidade era o seu processo,

sua composição, os materiais usados e a técnica com que se aplicava o pigmento na pele.

Por outro lado, com o avanço da técnica, a tatuagem deixou de ser um procedimento perigoso. José Martins Catharino (1995) revela que as deformações causadas por peças introduzidas no corpo eram frequentes, tais como esmagamento, achatamento do nariz. O "para sempre", o sofrimento da dor causada pela intervenção do instrumento no corpo e a violência do preconceito parecem não suplantam o desejo de assinalar seu lugar e afirmar-se perante o mundo com uma marca que seja única.

Numa sociedade com uma hierarquia complexa como a nossa, as categorias sociais movem-se o tempo todo - em certos contextos, nossa identidade nos faz ser respeitados e, em outros, sofremos preconceito. A partir disso, elegemos os que consideramos diferentes simbolicamente, porém iguais em direitos e posição social e aqueles que consideramos iguais simbolicamente, porém desiguais na posição que ocupam em relação à nossa. (KEMP, 2011)

Os primeiros contatos do ocidente com as tribos adeptas da arte da tatuagem foram estabelecidos pelos navegadores ingleses e as tribos maoris. Segundo Paredes (2003), os maoris usavam espinhas de peixe finíssimas ou ossos de pássaros para perfurar a pele e injetar um pigmento feito a base de carvão e ferrugem, e acreditavam que os desenhos na pele tinham propriedades mágicas. Foi também nessa época que surgiu o termo *tattoo*.

Até hoje muitas pessoas ainda tatuam desenhos dessas tribos e muitas vezes sem saber que o real significado estava em que estas "marcas de tatuagem eram consideradas como sinais de beleza e havia a crença de que as tatuagens proporcionavam proteção contra doenças e má sorte, além da hierarquia e a posição social de uma pessoa em seu grupo". (PAREDES, 2003).

Na Europa observou-se muito a resignificação desses temas tribais, temas esses que pertenceram às tribos indígenas agora introduzidos na sociedade "branca". Desde antes de 1800, já se observava a mistura de motivos europeus com tribais marcados nas peles dos marinheiros. "A partir dessa compreensão peculiar de mundo, é definida a noção de pessoa nas sociedades tradicionais. Para construir sua identidade, os indivíduos dispõem de referenciais distintos dos modernos que nos permitem estranhar a nós mesmos e compreender que não são ideias 'naturais'." (KEMP, 2011).

Com a criação de pigmentos mais homogêneos e máquinas mais velozes o processo de tatuar tornou-se menos doloroso, embora algumas pessoas ainda o façam utilizando as técnicas mais tradicionais, como as *tebori* e as *mokos* (técnicas criadas e utilizadas pelos japoneses e pela tribo maori respectivamente). A máquina elétrica veio para facilitar e aprimorar a vida de quem trabalha com tatuagem, tornando se mais adaptável à mão do artista, o que possibilitou que o desenvolvimento dos trabalhos ficasse cada dia mais detalhado, conseqüentemente mais interessante para os adeptos.

Para compreendermos seus significados e suas representações, é importante remeter-nos sempre à história da tatuagem. Assim, podemos verificar seus momentos mais importantes como esse que foi o encontro dos marinheiros europeus com os nativos tatuados do Pacífico Sul, no século XVIII. Desse encontro foram desenvolvidos e disseminados ensinamentos sobre a tatuagem trazidos até os dias atuais, mostrando que, mesmo com o aprimoramento das técnicas, a essência do processo ainda continua sendo o mesmo.

4.1.1 O perfil do tatuado: a quebra dos estereótipos

No decorrer da história e mesmo em todo o seu processo de “ocidentalização” a tatuagem ainda carrega estigmas que a associam à marginalidade, podendo-se perceber na própria mídia. Em jornais e nas novelas a tatuagem costuma ser mostrada em bandidos ou detentos, ou seja, até hoje se pensa que seus principais admiradores e usuários pertencem a grupos que transitam pela ilegalidade. Com isso, essas pessoas seriam reconhecidas negativamente, pois nesses grupos, além dos marinheiros, infratores e detentos, entram, também, prostitutas, alguns tipos de artistas como os de circo e profissionais que trabalham diretamente com a tatuagem.

A relação que se faz entre a mulher tatuada e a prostituição não pode ser visto só pela associação com o passado da tatuagem, passado esse “marginal”, pois no primeiro momento eram os trabalhadores dos Portos e as prostitutas que se tatuavam e num segundo momento, os integrantes dos movimentos de contracultura. (MANGUINHO, 2010)

Pode-se, então, perceber um conjunto específico de imagens ligadas a cada uma das situações, criando expressões para designar essas pessoas associando à tatuagem as respectivas profissões, firmando um estereótipo que vai se estendendo

ao longo dos anos e quanto mais tatuagem uma pessoa tiver, mas designações essa pessoa vai ganhar durante a vida.

Voltando ao século XIX, onde os cenários faziam parte da configuração dessa parcela da população, segundo Breton (2004), essa parcela marginalizada, as mesmas pessoas que dispunham de tatuagens visíveis, eram essencialmente os marinheiros e soldados, prostitutas ou pessoas detidas nas proximidades dos portos e prostíbulos, fazendo com que se enraizasse uma forma, que em parte ainda é reproduzida na sociedade contemporânea de identificação a essas classes, como quem não teme as consequências de seus atos, como uma pessoa rebelde, que age contra o sistema. Nos anos 1960, no Brasil, a tatuagem foi se popularizando ainda mais nesses locais de porto, pois foi o ano em que a primeira máquina de tatuagem foi usada no país.

Os cenários sociais possibilitam o contato com a diferença a partir da qual dialogamos e criamos algum nível de identificação. Assim, nos aproximamos e associamos a grupos que proporcionam referências que fazem sentido em nosso universo simbólico. Nem todo grupo é identificado como uma 'tribo'. Para tanto, é necessária certa manipulação simbólica que torne sua identidade reconhecível - porque contrastável - frente às demais. Essa manipulação é a seleção de traços específicos: vestimentas, línguas/ dialetos/ gírias, religião etc. Tornam-se "traços diacríticos"¹² desse grupo e permitem aos "outros" reconhecê-los e a eles próprios dar sentido e coerência à sua identidade. (KEMP, 2011)

Com o tempo, além dos marinheiros, marginais e prostitutas, jovens que buscavam uma forma de contradição na sociedade, aderiram à tatuagem. Os hippies, punks, associados de moto clubes, góticos, etc., tribos que não passam despercebidas pelo estilo de cada uma delas, sobretudo pelo padrão de comportamento, além das tatuagens que vão designar cada um desses grupos.

O segundo momento foi na década de 80, com os movimentos de contracultura: os hippies, motoqueiros e punks, havendo então uma proliferação maior da tatuagem nesses segmentos. Esses movimentos eram relacionados com o uso de drogas e uma atitude contestatória frente os padrões estabelecidos pela sociedade capitalista, por outro lado, eles se demonstravam autênticos nas suas ideias e tinham uma consciência corporal bem aguçada, "meu corpo me pertence". (MANGUINHO, 2010)

O perfil dos tatuados mudou muito com o passar dos anos e o das pessoas em relação à ela, também. Aos poucos, vão ficando para trás os estereótipos, a tatuagem começa a ser tratada de forma diferente na medida em que deixa de estar

associada, somente, a determinados grupos ou que não se faz necessário estar em um determinado grupo para possuir uma. Vão ficando para trás, também, o predomínio da tatuagem em símbolos que definem determinados grupos, como por exemplo, os neonazistas que tatuam a suástica para representar o grupo ao qual pertencem.

4.2 A Tatuagem na Prisão

No ambiente das prisões, a tatuagem foi ganhando força como uma forma de designação e identificação de alguns grupos, assim como punição para alguns detentos. Segundo Silva (2011), estima-se que mais de 60% dos presos do sexo masculino possuam desenhos em seus corpos, sendo que muitos desses se tatuaram enquanto cumpriam sua pena.

A tatuagem, antes, mais de psicologia do que anatomia, os criminosos tatuam-se, ordinariamente, depois que entram para o cárcere. A razão, a vista curta do preconceito não pode entender. Vem dos longos ócios; do tédio das prisões sem trabalho, em sua maioria, que se entretêm, estampando uns nos outros tais figuras, com os quais, por intuição, por saudade, pela privação das afeições, pela identificação (...) sendo através da tatuagem que os criminosos possuem meios preciosos de identificação e testemunhos da psicologia de seus portadores, sendo nesta categoria afeta um caráter todo particular e muito difundido. (PAREDES, 2003).

De acordo com estudos realizados pela Polícia Militar da Bahia, os significados principais desses desenhos dentro das cadeias são indicações de crimes e das funções exercidas dentro do ambiente carcerário. “Durante as abordagens policiais encontrava-se frequentemente a incidência de certos tipos de tatuagens em alguns indivíduos e após investigações, observava-se, eventualmente, uma ligação entre tais tatuagens”. (SILVA, 2011).

São pelo menos 36 tipos de tatuagens diferentes, que se repetem em um padrão, não somente no Brasil, mas ao redor do mundo. Para que se pudesse entender e decifrar esses desenhos, foram avaliados aproximadamente 50 mil documentos, foram usados registros fotográficos coletados em redes sociais, em sites de mídia impressa, nos arquivos das delegacias, presídios e institutos médicos legais. Esses dados coletados foram cruzados a partir de informações das fichas criminais de alguns suspeitos investigados.

Dentre os desenhos analisados, alguns já são conhecidos por aparecerem na mídia, como desenhos de caveiras, palhaços, do personagem de HQ Coringa, de santos como Nossa Senhora e Jesus, imagens de índias e até mesmo da morte. Além das imagens com desenhos, existem também as que têm elementos gráficos, como pontos são tatuados nas mãos para servirem de indicativo de cada crime que foi cometido.

O uso de tatuagens como símbolo do crime foi primeiramente utilizado pelos criminosos russos que utilizam a imagem de Jesus para indicar que o possuidor desde muito cedo tem uma vida dedicada ao crime e também para informar que o portador da tatuagem foi condenado pelos homens assim como Jesus também foi. Aqui no Brasil um grande número de indivíduos envolvidos na prática de crimes a utilizam para identificar o praticante de homicídio o mesmo latrocínio. (SILVA, 2011).

A tatuagem com a imagem de Nossa Senhora Aparecida identifica crime de latrocínio e se o desenho for feito nas mãos, braços ou coxas, caracteriza homicida, o desenho da teia de aranha significa lembrança de um comparsa que morreu, a caveira com punhal costuma ser tatuada no antebraço por presos que já mataram policiais militares ou civis, a cruz marca bandido de alta periculosidade, nos braços e ombros são de presos condenados pela justiça, no meio das costas indica um elemento perigoso que vai até as últimas consequências de seus atos. A água simboliza a liberdade, geralmente feita no peito, braços e nas costas, a pomba significa sorte e bons ganhos, utilizados por ladrões de residências, o saci perê, feito por pessoas ligadas ao tráfico de drogas, muito usada nos anos 80 e que atualmente não se vê, o desenho de uma mulher nua indica usuário de drogas injetáveis. A índia era um desenho muito comum nos anos 80 e 90, utilizadas por presidiários ligados ao tráfico de drogas dentro dos presídios do Rio de Janeiro. Os desenhos de beija flor, flores, coração com flecha ou escrito "amor só de mãe" indicam homossexualidade, se for a imagem de são Sebastião, indica homossexualidade passiva.

Desenhos cravados na pele, muitas vezes, são uma forma de estigmatizar o preso. Assumir para sempre, na própria pele, algo que é visto com desconfiança e algum temor pela sociedade, não deixando de significar, em outras formas, do preso demonstrar uma coragem que é respeitada nas prisões, servindo para marcar aqueles que devem ser desprezados. Os crimes contra os costumes, em relação aos presos por estupro, são punidos com tatuagens feitas à força. Os homossexuais são ridicularizados com pintas no rosto, feito com uma agulha embebida em tinta tóxica usada para pintar paredes, informando aos demais presos através desta marca que o estuprador achou um "marido" na cadeia. Com a ponta da agulha, a tinta é posta embaixo da pele, num processo forçado e doloroso. Desta forma por onde estiver o tatuado será reconhecido, passando a ser tratado pelos outros

como homossexual de forma passiva. Os materiais utilizados nessas ocasiões são rústicos, como pregos, arames e até ponta de canetas. (PAREDES, 2003)

Segundo Silva (2011), dentro das prisões existem também as tatuagens de punição, feitas à força e de forma dolorosa, normalmente feitas em indivíduos que cometeram estupro ou que quebraram algum código como olhar para a mulher de outro preso, por exemplo. Dessa forma o tatuado é identificado por outros presos, passando a ser tratado como homossexual passivo. Fazer o uso de desenhos falsos, que não foram conquistadas dentro do meio como merecimento, pode levar esse preso à punição, onde a tatuagem é arrancada a força com estiletos ou até mesmo a morte.

5 PRECONCEITO

Grande parte do preconceito que se tem em relação à tatuagem deve-se, como dito anteriormente, ao fato de que a grande maioria dos marginais e presidiários mostrados pela mídia possuem várias tatuagens. Segundo Paredes (2003), há uma estimativa de que, na população carcerária, cerca de 30% a 35% dos presos do sexo masculino tenham algum tipo de desenho estampado no corpo.

Possuir, atualmente, uma grande quantidade de tatuagem, ainda é motivo de estranhamento para algumas pessoas, para não falar em preconceito, já que ela ainda é associada à marginalidade. A tatuagem, ocidentalizada e cada vez mais usada e presente nos mais variados espaços da vida pública e privada, é objeto de estranheza por parte de pessoas tidas como conservadoras ou convencionais e que são incapazes de interpretar que “as representações do corpo são representações da pessoa [...] corpo metaforiza o social e o social metaforiza o corpo. No interior do corpo são possibilidades sociais e culturais que se desenvolvem”. (BRETON, 2007)

5.1 Casos de Preconceito

A escolha de uma pessoa em fazer ou não uma tatuagem é totalmente individual mesmo que os símbolos escolhidos sejam de pertencimento da sociedade. Sejam símbolos de conhecimento de uma grande quantidade de pessoas, cada indivíduo se diferencia por algo que faz parte do seu corpo, fazendo com que a

tatuagem se torne uma linguagem epidérmica, servindo para expressar diferentes pontos de vista de um mesmo objeto ou desenho.

Para Maria Julia Rezende: “O principal motivo de todas as minhas tatuagens serem ‘escondidas’ é em relação a trabalho, ironicamente em nenhum lugar que trabalhei ninguém criticou, no máximo falam ‘Não gosto de tatuagem, mas tudo bem’. Sofro mais é com parentes mesmo, que diziam coisas do tipo ‘Juiz não pode ter tatuagem’, então perguntei à minha professora de penal e ela disse que qualquer profissão da área jurídica pode ter, desde que não faça apologia a ilícitos, e deu o exemplo de um procurador no RJ que tem os braços fechados [com desenhos na pele]. Quando eu estagiava na delegacia eu tentava esconder, mas fiquei lá dois anos e acabou que até o delegado viu as tatuagens e disse que até gostava. Felizmente esse tipo de preconceito está caindo por terra”.

Para Jessica Silva a experiência foi diferente. “Fui fazer uma entrevista de emprego e fiz um treino, e eles gostaram muito, voltei na loja outro dia para fazer uma terceira entrevista, eu estava com uma roupa que dava pra ver minhas tatuagens, quando a gerente as viu, ela mudou o semblante dela e disse que me ligaria para confirmar. No dia seguinte eu recebi uma ligação e ela disse que não daria pra continuar com meu treino porque eu não tinha o perfil que eles estavam procurando”.

Assim como para Ana Fonseca, que acabou conseguindo um emprego melhor. “Fui demitida de um Colégio Militar porque descobriram que eu [professora] tinha tatuagens. Detalhe: Nunca mostrei nenhuma para nenhum aluno ou professor. O tal sargento ficou sabendo pelas redes sociais. E ele não admitiu que foi pelas tatuagens, mas todos os colegas que trabalham com ele disseram que ele comentou que não iria aceitar. Mas fiquei com o horário livre e fui dar aulas em Goiânia numa escola que paga o triplo que no Militar”.

Já para Letícia Gióia, o fato de ter tatuagens a ajudou a conseguir um emprego. “Eu sou designer gráfica e minhas tatuagens sempre me ajudaram a conseguir trabalho mais fácil”.

Para William Andrade, o preconceito veio de pessoas mais velhas. “Trabalhava em numa loja de roupas de uma rede, conquistei muitas pessoas mesmo sendo ‘assim’, mas sempre tinha um ou outro que julgava... Uma mulher ia uma ou duas vezes por mês e me olhava de atravessado, como se tivesse o

demônio no corpo, duas vezes me deu um papel de igreja e disse para eu ir que DEUS iria me curar”.

5.2 Projetos de Lei

Mesmo com a prática da tatuagem se popularizando, levando em consideração toda evolução e a quebra dos preconceitos, podem se notar preconceitos, já que é normalmente associada a desleixo e marginalidade. No final do século XIX e no começo do século XX, as conotações de forma pejorativa, que aparecem em algumas falas atuais, algumas religiões e principalmente o mercado de trabalho, já que em alguns editais de concursos (projeto de lei 105/2015) para algumas áreas é vetada a participação de pessoas com tatuagens. É preciso que se reconheça a tatuagem como forma de comunicação, que ela liberta e que não deve ser proibida ou limitada.

Os estúdios são proibidos por lei (PL 4.298/2012) de realizarem qualquer tipo de procedimento que perfure a pele ou membro em menores de 16 anos de idade, que somente poderão realizar tais procedimentos mediante a autorização com assinatura dos pais ou responsáveis reconhecida em cartório. O projeto de lei tem como justificativa a banalização da sociedade em relação aos procedimentos, com isso o risco de transmissão de doenças seriam evitadas.

No ano de 2013, o deputado Rogério Peninha Mendonça do PMDB/SC criou um projeto que tem como objetivo principal a proibição da prática de um tipo específico de tatuagem, o *eyeball tattoo* – tatuagem no globo ocular – em referência ao processo de alterar permanentemente a cor do olho. Trata-se de uma injeção de tinta debaixo da superfície da parte branca do olho ao invés da alteração da coloração da íris, procedimento que já existe na oftalmologia. No entanto, são procedimentos completamente distintos.

A partir de alguns casos de profissionais não especializados na técnica terem realizado em pessoas, cujo resultado obtido não foi satisfatório, a lei, equivocadamente, resolveu proibir tal procedimento. O indicado seria regulamentar a prática, exigindo do profissional a formação técnica para aplicação deste tipo de tatuagem, ainda mais em se tratando uma intervenção cirúrgica em uma área tão sensível e suscetível a problemas futuros quanto o olho.

O profissional que realiza a técnica, caso o projeto seja aprovado, pode ser preso por lesão corporal, com detenção que pode variar de seis meses a 1 ano, com amparo no artigo 129 do Decreto – Lei nº2.848, de 7 de dezembro de 1940. Até maio desse ano, uma petição feita pelo site *Avaaz* em repúdio a esse projeto de lei (figura 1), colheu, até a presente data, aproximadamente 3287 assinaturas.



Figura 1 Repúdio a PL 5790/2013
Fonte: <http://www.frrrkguys.com.br/>

5.3 Tatuagens nos Meios de Comunicação

Atualmente nota-se com maior frequência, pessoas tatuadas na mídia, pessoas que apresentam programas destinados para o público jovem, como novelas e o programa G1 em 1 minuto, no programa Fantástico, da Rede Globo, onde a jornalista Poliana Abritta deixou à vista sua tatuagem fazendo com que esse fato fosse um dos assuntos mais comentados nas semanas seguintes à exibição do programa.

Moda e mídia associadas buscam romper os tabus, denunciar os preconceitos, liberar as fantasias, modificar os costumes, deixar evidente a existência de ambiguidades inclusive a ambiguidade identidade/homogeneização implícita no próprio processo da moda. (PIRES, 2005).

Existem casos conhecidos como o ministro do Canadá que ao participar de uma luta de boxe beneficente, exibiu sua tatuagem, um globo terrestre envolvido por um corvo que simboliza a cultura das tribos indígenas do seu país. Mas ele não foi o único político que se mostrou adepto a tatuagem, Winston Churchill, primeiro ministro britânico, possuía uma âncora tatuada no seu braço, e foi um dos primeiros políticos a assumir publicamente que possuía uma tatuagem.

Na república Tcheca no ano de 2013, um sujeito com 90% do seu corpo tatuado foi candidato à presidência do país, Vladimir Franz conseguiu o total de 350 mil votos, que significa mais ou menos 7% dos eleitores do país. A sua aparência

não é só o que o destaca dos outros candidatos, ele é professor de teatro em uma das universidades de maior prestígio de Praga, pintor, compositor de ópera e advogado. Ele se tornou muito popular entre os jovens por dar início a movimentos culturais. “Eu quero acreditar que vivemos em uma sociedade civilizada, que não avalia as pessoas por sua aparência, mas por palavras, ações e obras que já tenham concluído.” Vladimir Franz

Na área de comunicação, um exemplo de profissional tatuado e com piercings é a Jornalista e radialista Margot Brasil, na cidade de Curitiba, nenhuma das suas modificações (tatuagem ou piercing) a impediu de trabalhar na área, ela trabalha para o GRPCOM, grupo paranaense de Comunicação, na Rádio Mundo Livre FM. Ela também foi Fui colunista da Revista Blooming Curitiba no ano de 2011, onde escrevia sobre música, arte, teatro, cinema e cultura.

Os meios de comunicação popularizaram a tatuagem e o piercing, contribuindo para que deixassem de ser vistos como algo voltado para a marginalidade para se tornar parte da moda. Com isso, os adeptos deixam de ser alvo de preconceitos por parte dos mais tradicionalistas. Contudo, houve uma banalização do mesmo, já que o significado de algumas dessas tatuagens era o de pertencimento a tribos de contra cultura, como o símbolo de anarquia. Faria (2009), analisa que o desenho utilizado anteriormente para chocar teve de ser reestruturado para manter seu sentido e não mais um produto da massa.

Percebemos que sempre que acontece uma nova pérola – seja na televisão, em revistas, jornais ou websites – surge o texto, quase que de imediato, que questiona o motivo que levou a pessoa – o sujeito do corpo modificado – a participar da proposição ou exposição. Os mais radicais culpabilizam as vítimas, com a justificada de que as coisas estão fixadas, no caso o preconceito, e que justamente por isso elas não deveriam aceitar a exposição. Pensamos muito sobre essa colocação e chegamos à conclusão de que discordamos dela. Pelo motivo de que é preciso se posicionar, com conhecimento de causa e lucidez. (SOARES, 2011).

Como pode-se observar, não são todas as mídias que tratam o tema da tatuagem a partir de uma perspectiva negativa. Eventualmente nota-se alguma abertura para uma possível discussão sobre tatuagem e outras modificações corporais em algumas mídias especializadas no país. Programas na TV aberta, como o Fantástico, revistas que associam as tatuagens e piercings a eventos de moda começam a vê-la como um acessório que complementa o visual de quem o usa.

O poder da comunicação consiste exatamente em que ela seja assertiva, e por mais clara que esta possa ser sempre vai envolver subjetividade, pois este processo consiste em relações humanas, na qual tem como decodificador desta percepção os órgãos sensoriais: a visão, o tato, o paladar, o olfato e audição. “O indivíduo que a adquire transfere para ela a memória de um fato ou de uma situação. A lembrança, que antes habitava na memória ou em determinados objetos externos ao corpo, agora é incrustada na pele”. (PIRES, 2005)

A escolha de uma pessoa em tatuar-se é, na quase totalidade, individual, mesmo que os desenhos ou símbolos escolhidos sejam de pertencimento da sociedade ou símbolos de conhecimento de grande parte de pessoas, cada indivíduo se diferencia por algo que faz parte do seu corpo, fazendo com que a tatuagem se torne uma linguagem epidérmica, servindo para expressar diferentes pontos de vista de um mesmo objeto ou desenho.

5.3.1 Modelos

Anteriormente, a indústria da moda optava por modelos (masculinos ou femininos) que não possuíssem desenhos em seus corpos, ou que se tivessem fossem desenhos fáceis de serem escondidos. Atualmente se observa o uso de modelos com poucas ou muitas tatuagens, além do surgimento de agências especializadas em modelos alternativos, em Londres a agência *Dark Arts* mostrou em exposições seu casting composto por modelos que além das tatuagens possuem outras modificações corporais como piercings e cabelos coloridos. No Brasil, uma das agências especializadas em modelos tatuados é a *Ink models*, especializada em modelos femininos tatuadas. Um dos primeiros modelos totalmente tatuados a ter destaque é Rick Genest, o *Zombie Boy*.

5.3.1.1 *Zombie Boy*

Rick Genest é mais conhecido como *Zombie Boy*. É um modelo de origem canadense, e que possui um grande número de tatuagens que lembram um esqueleto. Por ter grande parte de seu corpo coberto com tatuagens, chamou atenção ao participar de um vídeo clipe da cantora Lady Gaga em 2010, sendo

convidado para realizar alguns trabalhos como modelo e propagandas como a de uma marca de base que promete cobrir tatuagens e em que aparece com todas as suas cobertas. “Meus amigos gostam, acham legal, mas minha mãe ficou muito triste logo na minha primeira tatuagem. Mas depois que ela viu que eu estava determinado, então disse para eu, ao menos, ir até o fim e não mudar de ideia no



meio do caminho.”

Fotografia 1 – Zoombie boy para campanha de uma linha de maquiagem que promete cobrir as tatuagens.

Fonte: <http://rebloggy.com/post/piercing-tattoos-and-after-rick-genest-zombieboy-before/21379325517>

5.3.1.2 – Suicide Girls e Frrrk Guys

Suicide Girls tem como slogan *“What some people think makes us strange, or weird, or fucked up, we think is what makes us beautiful. This is our idea of beauty redefined”* traduzindo para o português, “o que algumas pessoas pensam que nos faz estranhos, ou esquisitos, ou que estraga tudo, nós acreditamos que torna bonito. Essa é nossa ideia de beleza redefinida.” As *Suicide Girls* são modelos exclusivamente femininas, de diversos lugares do globo. O site foi criado em 2001 por Selena Mooney (*Missy Suicide*), e para acessá-lo é necessário assinatura. O site

se caracteriza no gênero *alt porn*, ou seja, pornografia alternativa, além das fotos com conteúdo erótico, possui entrevistas, blog de membros e fóruns. O principal diferencial é o estilo das garotas que fogem dos padrões de beleza que se observa em outros sites de modelos, são garotas com tatuagens, cabelos coloridos, piercings, com diferentes raças e manequins. Atualmente o site conta com mais de 1800 modelos

Seguindo os passos do Suicide Girls, temos a versão nacional com modelos masculinos, o *Frrrk Guys (Freak Guys)*, Um projeto que se iniciou no ano de 2006 com o uso do *fotolog* e que se tornou uma galeria com garotos com modificações como tatuagens e piercings. Foi criado por uma ausência de um espaço onde se pudesse debater a beleza alternativa masculina, a informação e a defesa de que pratica a modificação corporal e contra o preconceito. É um projeto totalmente independente onde todo o conteúdo disponível pode ser usado. O criador do site, Thiago Soares define o *frrrk guys* da seguinte forma: "*Frrrk Guys* é uma plataforma de fricção e reflexão sobre o corpo modificado. É um sobrevivente, no sentido de tempo de existência e própria força motora".

6 FOTOENSAIO: FOTOGRAFIA E TATUAGEM

A fotografia é parte importante para a sociedade. Pessoas, famílias e lugares são fotografados para que se existam lembranças desses momentos. A fotografia mudou a história do mundo, não somente pela questão da recordação, mas, porque, por meio dela, podemos captar tudo a nossa volta, momentos que não vão se repetir da mesma forma.

Toda fotografia é um resíduo do passado, um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente. Se por um lado este artefato nos oferece indícios quanto aos elementos constitutivos (assunto, fotógrafo, tecnologia) que lhe deram origem, por outro o registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento de espaço/tempo retratado. (KOSSOY, 2001)

A fotografia surge de um conjunto de experiências vividas por cada um, para Busselle (1979) somos influenciados por tudo ao nosso redor, ela dá visibilidade ao discurso, ao objeto e a comunicação; Dubois (1993) entende a fotografia como a transformação da imagem em algo real, o um espelho da realidade. "A fotografia envolve mais do que os aspectos técnicos relativos à sua criação (...) por outro lado, a técnica em si é relativamente simples." (BUSSELLE, 1979)

Para Kossoy (2001), o mundo, depois do surgimento da fotografia, foi tornando-se, de certa forma, familiar. O homem conheceu outras realidades que até o momento lhe eram alheias, já que toda forma de tradição, todas as histórias eram contadas de forma verbal.

Desde a sua invenção em 1826 por Nicéphore Niepce, até sua evolução nos dias atuais a fotografia tem a sua importância na sociedade, sendo a testemunha do tempo. Barthes (1984) vê a fotografia como uma ideia de morte pois aquela imagem depois de gravada não existirá mais, proporcionando um será e um foi ao mesmo tempo. “É a própria evidencia: por sua gênese, a fotografia testemunha necessariamente (...) a foto certifica, ratifica, autentica.” (DUBOIS, 1993) A fotografia reproduz o momento, não se repetindo, para Barthes (1980) ela reproduz o infinito, já que o que aconteceu naquele instante não irá se repetir “o que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez” (BARTHES, 1980)

"Qualquer manual de história da fotografia apresenta sua invenção como o resultado da conjunção de invenções preliminares e distintas: a primeira, puramente ótica (...) a outra essencialmente química, é a descoberta da sensibilização à luz de certas substâncias à base de sais de prata." (DUBOIS, 1993)

A fotografia é uma forma artística que tem seu valor na representação, ela vai de encontro ao artístico e a reprodução do real, do que é concreto, sendo também um bem de consumo, para Benjamin (1987), a fotografia traria o fim do capitalismo, transformando a sua autenticidade em um bem de consumo, quando ela não tem valor histórico ela perde seu valor de representação. Sontag (2004) vê a fotografia como a interpretação do mundo a partir do olhar do fotógrafo, a fotografia adapta os momentos, e se torna prova de algo que aconteceu.

6.1 Fotojornalismo

O fotojornalismo nasceu da necessidade de se documentar de forma testemunhal fatos que acontecem na sociedade. A fotografia documental tem esse compromisso com a sociedade de registrar em forma de documento, os acontecimentos desde as fotografias de guerra, até as fotografias em catálogos de moda. Desde sua ascensão, quando passou a ser vista como uma alternativa ou até

mesmo um substituo da pintura até as manifestações do que seria a fotografia como informação, o fotojornalismo, a imagem tem como objetivo maior o testemunho.

A intenção dos fotógrafos referenciados é visível: dar ao leitor um testemunho, mostrar a quem não está lá como é ou o que sucedeu e como sucedeu (...) como é notório nos fotógrafos do "compromisso social", que tinham uma intenção denunciante e reformadora, que as fotos deviam consubstanciar, atingindo mesmo os que não queriam ou não sabiam ver. (SOUSA, 2002).

A fotografia é fonte de expressão e não se constitui apenas de um conteúdo registrado, antes, são informações que se desvinculam do suporte físico, o fotojornalismo assim com a fotografia são partes importantes para que se possa receber a informação como ela é. Trata-se de um conjunto do que se é palpável e do que não é, "uma fotografia original é, assim, um objeto imagem: um artefato no qual se pode detectar em sua estrutura as características técnicas típicas da época em que foi produzida". (KOSSOY, 2009).

"A foto não é apenas uma imagem (o produto de uma técnica e de uma ação, o resultado de um fazer e de um saber-fazer. Uma representação de papel que se olha simplesmente em sua clausura de objeto finito), é também, em primeiro lugar, um verdadeiro ato icônico (...) inclui também o ato de sua recepção e de sua contemplação. A fotografia em suma, como inseparável de toda sua enunciação, como experiência de imagem, como objeto totalmente pragmático." (DUBOIS, 1993)

Para Sousa (1998), o fotojornalismo tem como princípio mostrar o que acontece no momento, baseando o seu trabalho e seu método no instante, sendo uma atividade larga e ambígua, já que se pode fazer foto reportagens e mesmo fotografias documentais onde ela não perde a sua principal função, informar.

O fotojornalismo não é apenas o objeto de apoio, pois uma mesma imagem pode ser usada para diversos meios, fazendo com que exista uma interação entre vários fatores a serem retratados, como paisagens, fatos históricos, artísticos e o factual e para que a notícia tenha precisão eles devem estar presentes, "a ideia de que o fotojornalismo serve essencialmente para 'encher o olho' e ilustrar." (SOUSA, 1998)

O fotojornalismo teve seu ápice durante a segunda guerra mundial Sousa (1998) fala sobre os avanços técnicos da fotografia, permitindo que se pudesse sair dos estúdios e documentar as imagens do mundo, sendo então associada com o

testemunho da verdade, o espelho da realidade. “É preciso notar-se que os fotógrafos que cobriram esses primeiros grandes acontecimentos não se viam a si mesmo como fotojornalistas, até porque não existia um corpo profissional autónomo” (SOUSA, 1998).

Foi somente nas últimas décadas com apoio da imprensa que o profissional fotojornalista se profissionalizou fazendo com que a grande produção fotográfica se deslocasse para veículos de imprensa, abandonando os estúdios. Com isso o fotojornalismo pode se expandir, segundo Sousa (1998) o objetivo principal é transmitir uma informação de maneira objetiva e instantânea, informando e ao mesmo tempo trazendo emoções do que se está fotografando, transformando o fotojornalismo em profissão.

6.2 Gêneros Fotojornalísticos

Com a ascensão da fotografia, o fotojornalismo surgiu como uma atividade com o objetivo principal a observação e análise e por intermédio da fotografia, uma forma de se mostrar e credibilizar uma informação textual, de dar suporte a meios como jornais, revistas e sites. Fazer fotojornalismo é contar uma história com imagens

Percebemos que assim como a história da fotografia, o fotojornalismo teve seus obstáculos, suas tensões e suas rupturas, assim como suas superações, criando estéticas que iriam contrastar a objetividade e a subjetividade, “uma história que assiste, gradualmente, ao aumento dos temas fotografáveis, o mesmo é dizer, a uma história que assiste à expansão do que merece ser olhado e fotografado” (SOUSA, 1998)

"Nesse sentido, podemos dizer que a foto não explica, não interpreta, não comenta. É muda e nua, plana e fosca. Boba, diriam alguns. Mostra, simplesmente, puramente, brutalmente, signos que são semanticamente vazios ou brancos. Permanece essencialmente enigmática. Este é o sentimento que todos aqueles que consideram lucida e honestamente uma fotografia experimentaram em ou menor medida." (DUBOIS, 1993)

O fotojornalismo se divide em gêneros: A fotografia social, que são os fatos gerais, os acontecimentos na cidade, estado ou país; a fotografia esportiva, com pautas voltadas para coberturas de eventos como futebol, formula 1 e etc.; a fotografia cultural, onde a imagem chama mais atenção antes mesmo de se ler a matéria; e policial onde é feita cobertura de apreensão ou repressão policial,

retratando ações da polícia. “Os gêneros jornalísticos não têm fronteiras rígidas e, por vezes, é difícil classificar uma determinada peça, até porque, consideradas estrategicamente, todas as peças jornalísticas são notícias, especialmente se aportarem informação nova.” (SOUSA, 2002)

Sousa (2002) mostra que com o avanço das novas tecnologias, o jornalismo foi se adaptando criando correntes com novos gêneros jornalísticos, o infográfico é um exemplo, onde pode se ampliar o leque do que se noticia, abordando assuntos desde saúde a eventos culturais.

7 PROPOSTA DE PRODUTO

O produto final é um fotolivro, mostrando o ponto de vista artístico de pessoas tatuadas. Foi pesquisado sobre a existência de algum produto no mercado que abordasse o tema por meio do fotojornalismo, onde foi verificada a ausência desse tipo de produto.

A preocupação com o visual é hoje uma realidade em todos os setores do cotidiano e a apresentação de uma imagem agradável vem se transformando em uma verdadeira febre, devido a necessidade de se fazer presente num mercado cada vez mais competitivo." (COLLARO, 2000)

O fotolivro em questão terá, como função básica, demonstrar a capacidade de transmitir uma informação, seja pela técnica como pelo “*feeling*” que cada profissional possui. Sendo assim, o trabalho vai focar essencialmente na técnica fotográfica cultural, considerando que "a fotografia - enquanto técnica e expressão - colaborou para que se difundissem e tornassem acessíveis as diferentes categorias de patrimônio cultural, como, por exemplo, os monumentos, os bustos e as esculturas inseridas no espaço público” (LOPES, 2015).

O produto final é destinado às pessoas que procuram mais informações sobre modificações corporais, sejam elas atuantes na área, ou apenas adeptos que demonstrem interesse no assunto. Diferente dos tipos de produto que se encontram no mercado, o foto livro contará apenas com imagens, sem textos ou matérias que o complementem. Um dos exemplos de revistas fotográficas que mesclam a arte com reportagens sobre modificação corporal é a revista *Piel*, no Brasil encontramos apenas revistas com fotos de modelos e exemplos de desenhos para se tatuar ou a

versão nacional de revistas que já são consagradas no mercado internacional, como a *Inked*.

O projeto do foto livro vem com o intuito de mostrar o lado artístico, na tentativa de quebrar preconceitos em relação à pessoa com tatuagens, bem como o de criar no expectador um sentimento de alteridade, que a arte corporal seja significada no que realmente ela é: um espaço de criatividade e de invenção de si pois tatuagem é conteúdo, ao expectador, resta apreendê-lo.

7.1 Público Alvo

O fotolivro é destinado ao público que aprecia a fotografia e que tem interesse em pessoas tatuadas, para estúdios de tatuagem ou lojas que trabalhem com itens que os tatuadores utilizam, como tintas, por exemplo, bem como aos formadores de opinião, para que se difunda o aspecto libertário e artístico do corpo tatuado, para que se dissipem os preconceitos, para que se dissocie a tatuagem de seus aspectos clandestinos. O expectador das fotos será, antes, um expectador de ideias.

7.2 Projeto Gráfico e Fotográfico

O projeto gráfico foi feito pela autora, tendo como título “Tatuagem e preconceito”. O fotolivro foi impresso da seguinte forma: miolo em papel couché fosco 150g com tamanho de 19x19cm, esse tipo de gramatura é normalmente utilizado para impressão de livros por ser de fácil manuseio, com o total de 24 páginas.

O projeto foi realizado pela autora, com fotos feitas no estúdio F da faculdade UNINTER em Curitiba durante o período do dia usando as câmeras Nikon D3100 com ISSO 100. Para a capa e os títulos principais, a fonte escolhida foi a *Milasian Circa Thin PERSONAL*, ela é de fácil leitura, pois não possui serifas e foi escolhida pelo fato de suas curvas lembrarem as letras de tatuagens tradicionais. Para os demais textos a fonte usada foi *Champagne & Limousines*, que também não possuem serifa, facilitando assim a leitura e compreensão dos textos.

Champagne & Limousines

A disposição das fotos foi feita de acordo com a intenção da ordem de cada um dos modelos que foi fotografado, onde foi feita uma comparação entre social (onde as tatuagens ficaram em sua maioria cobertas) e do casual. A cor predominante nas páginas do fotolivro é o preto e o cinza, para que exista um contraste destacando os modelos e suas tatuagens. As fotos foram realizadas no mês de maio de 2016.



Foto 2 – Páginas 6 e 7 do fotolivro



Foto 3 – Páginas 8 e 9 do fotolivro

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

São vários os fatores que levam um indivíduo a se tatuar, do estético ao afetivo são alguns de seus aspectos, escolhidos que são para marcar de forma indelével os gostos e os desgostos de cada um. O trabalho teve a finalidade de mostrar o lado que é retratado superficialmente ou pejorativamente. Fotografar pessoas tatuadas e coloca-las numa sequência fotográfica resgatando a tatuagem do limbo em que sempre se encontrou para que seja vista como arte, como criatividade, como ressignificação. Com isso, o desmistificar da tatuagem configura o objetivo subjacente deste projeto.

A criação de um fotolivro com pessoas tatuadas tem o objetivo principal quebrar o preconceito que ainda existe em relação a emprego e uma profissão futura, a aceitação do mercado de trabalho em algumas áreas, pois ainda existe profissões em que a tatuagem se torna uma barreira impedindo que a pessoa trabalhe na área, a estética de modelos tatuados, quebrando o estereótipo do modelo padrão que conhecemos.

Aliada ao jornalismo, a fotografia possibilita, além disso, a junção da informação com a estética e por ser um assunto que está em pauta, com isso o fotolivro pretende atingir não somente o público adepto da tatuagem, ou que lhe nutre interesse, mas também as pessoas que não estão envolvidas com este meio, a fim de que se possibilite uma reflexão sobre esta prática

"A tatuagem é a marca da alma. Pode parecer como uma janela através da qual podemos ver o interior, ou um escudo para nos protegermos daqueles que não podem ver nada além da superfície." Horiyoshi

REFERENCIAS

BARROS, Clarissa Maria Dubeux Lopes. **Histórias Marcadas na pele**. UNICAP. Recife, 2006.

BARTHES, R. **A Câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**, São Paulo, Brasiliense, 1987

BUSSELLE, Michael. **Tudo sobre fotografia**. Pioneira. Rio de Janeiro, 1979

BRASIL. Projeto de lei 5790/2013 – **proibição do eyeball tattoo**.
<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=581535/>

BRASIL. PROJETO DE LEI Nº 537/2007 – **Condições para o funcionamento de estúdios de body piercing e tatuagem**.

<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro0711.nsf/c05c267b7adc845183257258006ec1fc/b0d5d781560ceb04832572f100516bc8?OpenDocument&ExpandSection=-1/>

CATHARINO, J. M. **Trabalho índio em Terras da Vera Cruz ou Santa Cruz e do Brasil – tentativa de um resgate ergonômico**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.

COLLARO, Antônio Celso. Projeto gráfico - **Teoria e pratica da diagramação** São Paulo, Summus, 2000

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Papyrus, Campinas, 1993.

FARIA, Renata Braga. **Modificação corporal como suporte midiático**. UNICEUB. Brasília, 2009.

FULTON, Marianne. **Eyes of time – photojournalism in America**. Boston: Little, Brown and Company, 1988

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. São Paulo: EDUSC, 2001.

KEMP, Kênia. **Identidade cultural**. São Paulo: Editor Sol, 2011. Páginas 65 a 85

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 3ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009

LE BRETON, Davi. **Sinais de Identidade**. Trad. Tereza Frazão. Lisboa. Miosótes – Edição e distribuição Limitada, 2004.

LE BRETON, Davi. **A sociologia do corpo**. 2a ed. Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2007.

LOPES, Patricia Peruzzo. **A função social, cultural e artística da imagem fotográfica**. Santa Cruz do sul, 2015

MANGUINHO, Julyana Vilar de França. **Gênero, corpo e tatuagem**. UFRN, 2010

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Fundamento de metodologia científica**. 5ª edição. Atlas. São Paulo, 2003

MARQUES, Toni. **O Brasil tatuado e outros mundos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MORAES, Juliana Pereira. **Livro fotográfico “O corpo é a questão” Fotografia e erotismo na pós modernidade”**. Curitiba, 2012.

NETTO, Helio Figueiredo da Serra. **O Corpo como espaço imaginativo**. Belém, 2011

ORTEGA, F. **Modificações corporais e bio identidades**. Revista de Comunicação e Linguagens, Lisboa, n. 33, p. 247-263, 2004.

PAREDES. Cezinado Vieira. **A influência e o significado das tatuagens nos presos no interior das penitenciárias**. Curitiba, 2003.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem**. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2005.

RAMOS. Célia Maria Antonacci. **Teorias da Tatuagem: O corpo tatuado: uma análise da loja Stoppa Tattoo da pedra**. Florianópolis, UDESC, 2001.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo, Brasiliense, 1983.

SANTAELLA, L. **Corpo e comunicação. Sintoma da Cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, L. **Cultura e artes do pós humano. Da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SILVA, Alden José Lázaro da. **Tatuagem: desvendando segredos**. Salvador. Magic Gráfica, 2011.

SILVA, Alden José Lazaro da. **Cartilha de orientação policial Tatuagem: desvendando segredos**. Salvados: Magic Gráfica, 2011.

SILVA, Flávia Gonçalves da. **Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural**, são Paulo, 2009.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo, companhia das letras, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Porto, 1998.

SOARES, Thiago. **A modificação corporal no Brasil 1980 – 1990**. São Paulo, 2011.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia contemporânea**. Rio de Janeiro, 1981.